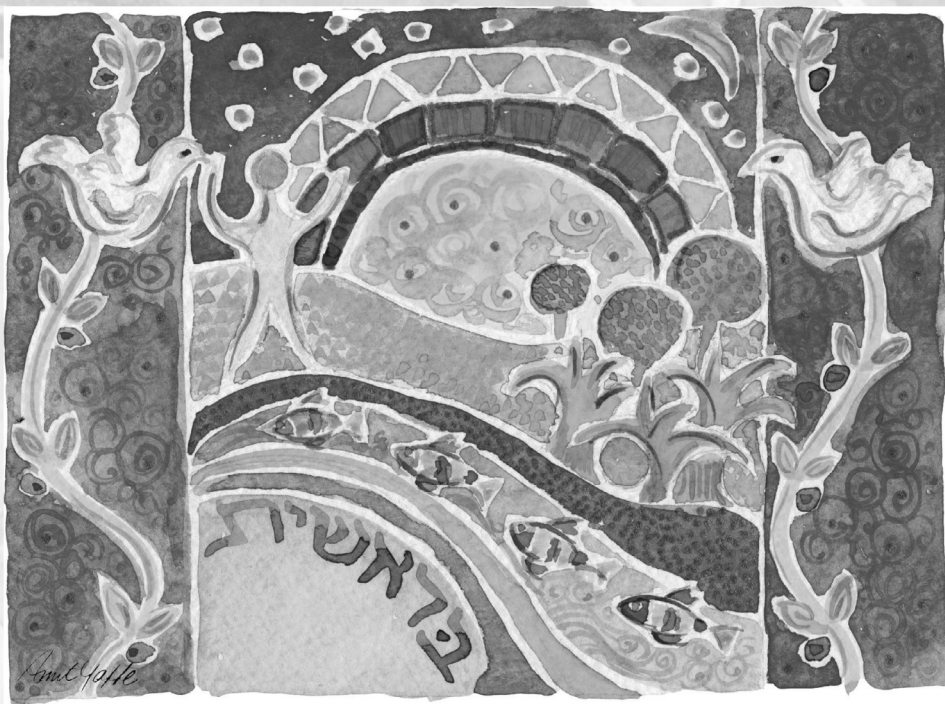


Rabino Shlomo Riskin

LUZES DA TORÁ

אור תורה - בראשית



Volume 1: Gênese
Sobre vida, amor e família

Tradução: David Gorodovits

editora & livraria
SÉFER

Título original em inglês:
TORAH LIGHTS – RABBI RISKIN ON GENESIS
Copyright © 2005 by Ohr Torah Stone

Direitos em português cedidos à
EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.
Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil
Tel. 3826-1366 Fax. 3826-4508 sefer@sefer.com.br
Livraria Virtual: www.sefer.com.br

Tradução	David Gorodovits
Revisão	Jairo Fridlin
Projeto gráfico	Ilana Fridlin
Editoração eletrônica	Editora Sêfer
Capa	Ivo Minkovicius
Impressão	Sumago Gráfica
Imagem da capa	Amit Yaffe

A artista **Amit Yaffe** nasceu em Israel e vive com sua família em Baltimore, Maryland, nos Estados Unidos. Estudou Design Gráfico e Arte na WIZO- Hadassah Neri Bloomfield School of Design em Haifa, Israel. Usa aquarela, tinta acrílica e técnicas de colagem para criar obras de arte vibrantes e coloridas, retratando a beleza e riqueza das tradições judaicas que representa em seus trabalhos. Suas obras contêm motivos judaicos, bênçãos, formas e símbolos da tradição. A linha de produção da artista inclui *ketubot* customizadas, coleções de aquarela, convites únicos e personalizados para diversas celebrações, além de cartões de visita.

Os textos bíblicos foram extraídos da BÍBLIA HEBRAICA, de David Gorodovits e Jairo Fridlin (Editora Sêfer).

Nota: Na transliteração de palavras hebraicas, adotou-se o “CH” para o som de RR, como caRRo em português.

איסור השגת גבול ידוע.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa da Editora e Livraria Sêfer Ltda.

ISBN 978-85-7931-025-6

2012

Printed in Brazil

ÍNDICE

Apresentação	11
Prefácio	13
Tributo	21
Introdução	23

BERESHIT

O que é a Torá?	29
A revolução de Copérnico e a posição do ser humano	33
Por que coisas ruins acontecem às pessoas boas?	37
O primeiro casamento: superando a solidão e o isolamento	42
Por que foi proibida a fruta proibida?	53
O ser humano se assemelha mais a Deus ou aos animais?	58
Os lauréis e os limites da Ciência	64

NÔACH

Expandir-se ou retrair-se? Família x Mundo	71
Palavras constroem mundos (continuação)	76
O vegetarianismo e a Bíblia	81
Dois agnósticos, mas somente um deles é justo	85
Israel e as nações	89
O Dilúvio e a Torre de Babel	93

LECH LECHÁ

Nacionalismo x Universalismo: o dilema interno de Abraão	101
Abraão: inovador ou continuador?	107
Tirar vantagem é o mesmo que escravizar	112
O milagre da fé	117
Contrato ou pacto?	122
Nação ou religião?	126



VAIERÁ

O silêncio de Abraão	135
O sacrifício final	143
Afinal, de quem foi o sacrifício: de Abraão ou de Isaac?	147
Isaac e Ismael: dois destinos partilhados	152
O poder e as limitações de um pai	158

CHAIÊ SARÁ

A bênção da velhice: pais e filhos	165
O significado de um túmulo	170
O que fez Labão sair correndo?	174
Abraão é o rabino porque Sara é a <i>rabanit</i>	179
Casamentos arranjados x Casamentos românticos	184

TOLEDOT

Com quem podemos estabelecer tratados?	191
A escolha de Rebeca: engano em nome dos Céus	195
A verdade por trás das máscaras	200
Talvez Esaú seja o primeiro impostor	204
O homem propõe e Deus dispõe	209

VAIETSÊ

O primeiro monumento à vida e à eternidade	217
Será que alguém pode realmente voltar para casa?	223
Podemos barganhar com Deus?	228
O que você sonha traduz o que você é	234
O que importa não é o que você tem, mas o que você é	240

VAISHLÁCH

Em busca de Deus e em busca de si mesmo	247
Uma releitura de Esaú: identidade sem continuidade	252
Quem são os verdadeiros terroristas: Simão e Levi ou Sechém e seus súditos?	257



VAIESHEV

Em que se constitui a culpa?	265
Judeus e não Rubeus	270
Sonhos e visões	276

MIKÊTS

A habilidade de escutar tanto seus próprios sonhos quanto o dos outros	285
Por que José não mandou um e-mail para seu pai?	289

VAIGÁSH

As lágrimas de José e Benjamim	297
Uma reunião de fidelidade e lágrimas	300
A verdadeira arte da negociação	306
Por que choramos?	314
Sobre carros e animais, trens e aviões, culpa e perdão, pais e filhos	318
A distância torna o coração mais afetuoso ou mais distante?	321
O mau-olhado não te controlará	325



VAICHÍ

O começo do fim	333
A quem você pertence?	338
Por que abençoamos nossos filhos como “Efraím e Menashê”?	342
O milênio e o messianismo normativo	348
Comentaristas citados nesta obra	353

APRESENTAÇÃO

Ao escolher para publicar em português, entre tantos livros de comentários sobre a Torá, a obra do Rabino Riskin, temos certeza de que estamos trazendo a nossos leitores uma visão muito especial sobre as múltiplas interpretações e deduções a que o texto deste livro sagrado nos conduz.

O humanismo e a sensibilidade do autor nos fazem sentir as mensagens de suas palavras não somente com a mente, mas também com o coração.

Sua experiência como rabino nos Estados Unidos e em Israel, e a empatia característica de sua personalidade fizeram com que, de certa forma, absorvesse e reagisse como se fossem suas todas as situações que lhe foram apresentadas pelos que buscaram seu aconselhamento. Isto o levou a redigir seus textos de tal forma que neles se pudessem encontrar palavras encorajadoras para cada um de seus leitores.

Por meio de seus comentários passamos a vivenciar os episódios que ele está analisando e encontramos inspiração para aplicar em nosso dia a dia os ensinamentos que nos transmitem.

A Editora Sêfer se sente feliz por mais esta realização, ao trazer aos brasileiros, judeus e não judeus, as mensagens grandiloquentes da Torá numa linguagem acessível a todos e que, certamente, farão vibrar no coração de cada leitor as cordas harmoniosas que entoam uma melodia de amor, gratidão e respeito ao Eterno.

David Gorodovits



PREFÁCIO

Durante o período de formação mais importante da minha vida, entre os 10 e 16 anos, passei cada jantar da noite de *Shabat* com minha avó materna, Chaya Beyla bat Rav Shlomo Hacohe e Mindel. Ela era uma mulher notável, rica em conhecimento e profundamente comprometida com o cumprimento de tudo que manda a lei judaica. Ela veio para o Brooklyn, em Nova York, do *shtetl* (vilarejo) de Lubien, na Polônia, em 1922, e morreu em 1960 sem nunca ter aprendido a falar corretamente sequer uma frase em inglês. Seu universo permaneceu no mundo do *yidish* e do hebraico, do *Sidur*, da Bíblia e do *Morgen Journal* (“Jornal da Manhã”, em *yidish*), e seus amigos mais próximos eram todos do mesmo *shtetl* onde ela cresceu. Sua sinagoga era chamada de *Ets Chaim Anshei Lubien*, uma congregação formada por *landsman* (pessoas do mesmo vilarejo).

Na sinagoga, as pessoas se sentavam nas filas conforme a ordem adotada em Lubien, e seus túmulos (na seção de Lubien do Washington Cemetery em Bensonhurst, no Brooklyn) eram dispostos para que cada um ficasse ao lado daqueles com quem tinha compartilhado *shabatot* e *chaguim* nesse mundo.

A despeito de suas limitações de linguagem, minha avó era extremamente patriótica em relação à América. Ela havia milagrosamente se tornado uma *tsitsizen* (cidadã) e, no decorrer das discussões que mantinha ao redor de sua mesa com os amigos, não permitia que ninguém dissesse palavras indelicadas a respeito de um de seus heróis contemporâneos, que ela considerava um genuíno representante dos “gentios justos” e um salvador do povo judeu: o Presidente Franklin Delano “Rosenfeld”.



Ela adorava o teatro *yidish* e tinha especial devoção por música de *chazanim*, principalmente a de Yossele Rosenblatt. Tinha lido Goethe e Heine em sua mocidade, por instigação de seu marido, meu avô Chaim, que fora uma pessoa bem educada. Sua grande paixão, depois dos filhos e netos, era o estudo da Torá. Seu pai, o Rabino Shlomo Hacoheh Kowasky (cujo nome eu herdei), tinha sido *daian* (juiz rabínico) em Lubien e, como sua esposa dera à luz três mulheres, sendo a minha avó a mais velha delas, ensinou a ela não somente o *Chumash* (os Cinco Livros de Moisés) como também *Mishná* e um pouco de *Guemará*. Conta a tradição da família que ele viveu até os 115 anos e sobreviveu a três esposas, mas continuou a ensinar à sua brilhante Baltcha (diminutivo de Beyla) até ela se casar.

Assim como aconteceu com muitos de seus contemporâneos, cada um de seus sete filhos manteve fortes laços étnicos e nostálgicos com as tradições judaicas, embora seu desejo de aculturação na América se mostrasse mais forte que a obediência aos mandamentos Divinos de *Shabat* e *Cashrut*. Como eu era o filho mais velho de sua filha caçula e tinha estudado na *Ieshivá* (somente porque seu currículo acadêmico era melhor que o da escola pública local, num bairro que estava em rápida transformação), eu era sua última esperança. Ela supria minha mãe com comida *casher*, supervisionava minha educação religiosa por meio de visitas semanais ao diretor da escola judaica e me convidava para passar com ela todas as noites de *Shabat* (meu avô Chaim tinha sofrido um AVC e estava num lar de convalescentes).

Aquelas noites inesquecíveis começavam com a bênção das velas. Ela ficava diante de seu candelabro de sete braços (que ela carinhosamente segurou durante toda a viagem de navio que a trouxe da Europa) por pelo menos 20 minutos falando com Deus como se fala com um velho amigo em quem se confia, lembrando-se de todos os filhos e de todos os netos, recitando pedidos e agradecimentos ligados a cada um deles. Rezávamos então juntos, pronunciando palavra por palavra. A comida era deliciosa. Entre um prato e outro, cantávamos *zemirot* (canções



de *Shabat*) com as mesmas melodias que meu bisavô Shlomo cantava em Lubien e estudávamos a porção semanal da Torá traduzida para o *yidish*.

Minha avó tinha uma maneira maravilhosa de tornar vivos os personagens bíblicos. Ela não escondia nada; aprendi os fatos da vida e as proibições da Torá nas várias passagens bíblicas que estudei com ela. O mais importante é que seu Deus era realmente o “Pai do céu”, uma espécie de exaltado bisavô Shlomo que a amava e protegia das alturas. Ela nunca falava da punição Divina como castigo pelos nossos pecados, somente da decepção Divina com nossos erros. (Assim, até hoje não tenho tanto receio de que Deus me puna quanto me envergonho com a possibilidade de desapontá-Lo com minhas ações ou com a falta delas.)

Ela adorava especialmente descrever como se cortejavam nossos patriarcas e matriarcas, destacando sempre o amor entre Jacob e Rachel. “Foi assim com seu avô e comigo”, ela dizia. Ouvi muitas vezes que meu bisavô Shlomo recusava receber dinheiro em troca do ensino da Torá e por seus julgamentos como *daian*. Ele tinha uma loja de feno e aveia, e um grupo de jovens trabalhava com ele metade do dia e todos recebiam como salário o direito de estudar com ele na outra metade do dia. Eles acordavam à meia-noite para o *ticun chatsot* (reza da meia-noite), estudavam até quase o amanhecer, iam ao *micvê*, rezavam, trabalhavam por toda a manhã e uma parte da tarde e depois estudavam mais. Eles levavam consigo seus *tefilin* quando saíam no meio da noite; deixavam-nos cuidadosamente arrumados sobre um cobertor estendido na grama quando iam ao *micvê* e os usavam para rezar quando voltavam.

Minha avó não gostava do desrespeito com os *tefilin*. Ela se levantava na mesma hora que os trabalhadores e, quando começavam a estudar e ela achava que não a notariam, colocava todos os *tefilin* num armário e depois os devolvia ao cobertor antes que eles voltassem do *micvê*.

Meu avô era neto do irmão do genro do (autor do livro) *Sefat Emet* e era um *chassid* de Guer. Vinha de um vilarejo um pouco



maior, Wrozlawek, onde tinham feito seu noivado com uma moça que ele só tinha visto uma vez. Ele notou o cuidado especial que minha avó tinha pelos *tefilin* e, eventualmente, notou algo mais, porque se apaixonou profundamente. Convenceu seu pai a cancelar o compromisso anterior e, assim, Chaim casou com Baltcha, e o jovem casal passou a viver na casa do Rabino Shlomo Kowasky, em Lubien.

E era deste modo que minha avó e eu passávamos cada noite de *Shabat*: comida deliciosa, histórias maravilhosas, canções interessantes e estudos da Torá. Eu me sentia quase transportado para o *shtetl* mágico de Lubien. Parecia que eu conhecia todas as suas ruas, seus odores, seu povo... Eu sentia que o conhecia até melhor do que a área de Bedford Stuyvesant, onde eu morava.

*

Em 1933, fui convidado a participar da Marcha da Vida. Visitar a Polônia seria para mim como se eu “voltasse” à Polônia. Teria a oportunidade de visitar o lar de meus antepassados em Lubien. Aceitei com entusiasmo.

Mas onde fica Lubien? O atlas indicava três possibilidades: 1) Lubien perto de Wrozlav, próximo à fronteira da Alemanha; 2) Lubien perto de Teczycay, na estrada que vai para Lodz, e 3) Lubien Kujawski, a uns 29 km de Wrozlawek. Meu avô Chaim sabia falar alemão muito bem, mas eu estava certo de que minha avó tinha dito que ele era de Wrozlawek, não de Wrozlav. Além disso, um mapa detalhado da estrada indicava um lago na entrada de Lubien Kujawski e minha avó havia me contado sobre o lago no qual ela nadava no verão e patinava no inverno. Lubien Kujawski devia ser a “minha” Lubien.

Às 5 da manhã de um domingo, no 28º dia de *Nissan* de 5753 (1993), parti do Fórum Hotel de Varsóvia com um motorista que havia sido especialmente recomendado. Seu nome era Greg, apelido de Gregor, e era um médico polonês que falava inglês perfeitamente. Nosso destino era a minha “cidade natal de



Lubien". Eu estava muito animado, embora minha sábia esposa houvesse me prevenido, dizendo que eu não encontraria meu avô Shlomo esperando por mim com uma *guemará* aberta em suas mãos e uma canção dos *chassidim* de Guer em seus lábios. Quando deixamos a cidade de Varsóvia e começamos a nos aproximar das cidades menores, elas me pareceram vagamente familiares, com seus prados verdejantes e suas florestas, entre cujas árvores podiam ser vistas cabanas, cavalos e pessoas. Ali pensei ver Tevye, o leiteiro, ensinando ao seu filho uma porção do *Chumash* em seu caminho de entregas e, mais adiante, eu quase tive certeza de ter visto um *chassid* retornando para casa, depois de passar as férias com seu *rebe*. Infelizmente, eu estava bem ciente de que a Polônia tinha se tornado um lugar virtualmente sem judeus. Meu coração deu um pulso quando avistamos o letreiro anunciando Lubien Kujawski e pude ver pequenas fazendas em volta do lago, o cemitério cristão e a grande igreja. Tudo como minha avó havia descrito; parecia não ter mudado nada.

Meu motorista polonês estava muito surpreso por ver que a cidade que eu amorosamente descrevera com dados da minha imaginação se parecia tanto com a realidade que havíamos encontrado. "Tem certeza de que nunca esteve aqui antes?", ele me perguntou. "Sim, eu realmente nasci aqui", respondi, deixando-o sem entender mais nada. Havia, contudo, uma discrepância, pois minha avó descrevera o cemitério judaico como estando localizado do lado oposto ao cemitério cristão, do outro lado do lago, na entrada de Lubien. Eu esperava encontrar o túmulo do meu bisavô Shlomo e transportá-lo para Israel, talvez para Efrat. Mas não havia nenhum cemitério judaico do outro lado; havia apenas um estacionamento.

Entramos na pequena cidade, que consistia de mais ou menos 300 famílias. Havia barracas num mercado ao ar livre, ruas sem pavimentação, cavalos, bicicletas, velhas casas de madeira e uma igreja impressionante. Greg me deixou no carro, tomando conta de minha bagagem, e saiu à procura de alguém que se lembrasse da família Kowasky. Um residente polonês o encaminhou a outro,



até que a filha de uma senhora de 91 anos, que sempre morara perto dos judeus, disse estar certa de que, se voltássemos dentro de uma hora, quando sua mãe já estivesse acordada, ela poderia nos ajudar. No ínterim, exploramos Lubien e, antes das 9 horas, uma senhora idosa com um rosto animado e olhos sorridentes estava ansiosamente nos esperando na porta de sua casa. “Pan Kowasky, Pan Kowasky”, ela me saudou, curvando-se enquanto falava feliz e me fazia entrar em sua modesta casa. A mesa estava posta com bolos e biscoitos e Greg traduziu suas palavras em polonês que foram despejadas numa torrente amistosa.

“Claro que me lembro de sua família. Seu bisavô era o rabino dos rabinos (ela queria dizer que ele era o *daian*, ou melhor, o juiz da cidade). Ele era um homem muito velho quando eu ainda era uma jovem. Todo muno dizia que o anjo da morte havia se esquecido dele. Meu pai era o prefeito da cidade e, por isso, o rabino da cidade, o Rabino Petrofsky, e, para assuntos mais importantes, o seu bisavô, vinham muito à nossa casa. Vejo que o senhor não está comendo meus bolos. Vou lhe dar o que minha mãe costumava dar ao seu bisavô: chá num copo de vidro. Isto o senhor poderá beber.”

“Era uma comunidade judaica bonita na época em que sua família morava aqui. Eram 150 famílias judias e 150 polonesas. Burack era quem fazia as circuncisões dos garotos de 8 dias de idade. Sua filha era a esposa do Rabino Petrofsky. Zhilitowsky era o que batia na porta dos judeus para chamá-los para as rezas. Todos os homens judeus iam rezar de manhã cedo. Brystgowsky era o padeiro. Todos os judeus colocavam, nas sextas-feiras à tarde, seus cozidos em seu grande forno, onde ficavam até o almoço de sábado. Creio que chamavam o cozido de *cholent*. Nenhum judeu acendia fogo no sábado. Seu bisavô era um homem muito sábio, um grande juiz, mas ele insistia em trabalhar para ganhar seu pão. Até morrer, ele vendeu feno e aveia para os fazendeiros vizinhos. Sua filha mais velha se casou com um de seus alunos, um rapaz de Wlozlawek. Ele foi embora para a América e, até que ele mandou buscá-la e aos filhos, ela dirigiu uma pousada



e um restaurante numa extensão da casa de seu pai. Era ali, do outro lado da rua, em frente à igreja.”

“A sinagoga era bonita. Em 1939, quando os nazistas vieram, todos os judeus – homens, mulheres e crianças – foram lá para rezar. Os nazistas incendiaram a sinagoga e não deixaram os bombeiros apagar o fogo. Não só a sinagoga, mas todo o quarteirão foi queimado, porque eram casas de madeira. A casa de seu bisavô sobreviveu ao fogo porque era do outro lado, como eu lhe disse, ao lado da igreja. Ela queimou mais tarde, depois da guerra, num fogo provocado por eletricidade. Mas ela foi reconstruída.”

“Todos os judeus foram levados e mortos. Os últimos Kowaskys eram alfaiates. Talvez algum tenha sobrevivido, mas a maioria foi morta.”

“O cemitério judaico? Era do outro lado do lago, em frente ao cristão. Os nazistas o destruíram, reviraram toda a terra e levaram as lápides para serem usadas na pavimentação de seus campos de concentração.”

Agradei a gentil senhora Helene Michalak. Fiquei admirado com sua memória e satisfeito pela confirmação que ela me forneceu das histórias que alimentaram minha infância e deram origem à paixão de minha vida. Ela me deixou usar sua câmera e até me vendeu alguns filmes para que eu, ainda em transe, fotografasse Lubien. Em cada canto eu sentia fantasmas do meu passado (e gurus do meu futuro). O único momento em que não pude conter minhas lágrimas foi diante do solo árido na frente do lago na entrada da cidade, do lado oposto ao cemitério cristão. Cantei o *El Malê Rachamim* por meu avô e saí apressado.

Voltei para minha casa em Israel, triste e amargurado com o que havia sido perdido, mas grato pela memória. Viajei à Polônia para achar Lubien, para recapturar minha infância, para descobrir minhas raízes. Mas onde está Lubien? Compreendo agora que Lubien não está perto de Wrozlaw nem de Wrozlawek. De fato, Lubien não está mais na Polônia. Lubien está comigo e com meus



netos israelenses aqui em Efrat, em Israel, e eu espero que esteja também nestas palavras, pelas quais tento fornecer mais alguns comentários à nossa eterna Torá.



TRIBUTO

Quero agradecer aos meus ilustres mestres – Rabino Joseph Ber Soloveitchik *zt”l*, Professora Nechama Leibowitz *z”l* e Rabino Moshe Besdin *z”l* – pelos extraordinários insights sobre as palavras dos comentaristas da Torá que me apresentaram. Muito do que está escrito neste livro está baseado em suas palestras e nas discussões que tive o privilégio de ter com eles, assim como em muitos outros grandes estudiosos da Torá com os quais aprendi ao longo dos anos. Embora eu tenha tentado atribuir a cada um as palavras que deles citei, para assim ajudar na redenção do mundo, estou certo de que há aspectos que eu aprendi de outros e que passei a considerar como se eu mesmo os tivesse pensado. Basta dizer que qualquer coisa que seja de valor encontrada neste livro foi derivada de meus mestres, mas assumo completa responsabilidade por qualquer coisa que não possa ser considerada como tal.

Sou muito grato a Sheldon Gewirtz, que me pediu que começasse a escrever um comentário semanal sobre a porção da Torá, e a Jacob Lampert, que me ajudou a redigir a coluna durante meus primeiros anos nessa atividade; às congregações nas quais tive o privilégio de servir como rabino e *maguid* (“pregador”) – a Lincoln Square Synagogue, em Manhattan, e as muitas sinagogas da cidade de Efrat, em Israel –, bem como aos meus alunos na Ohr Torah Stone Institutions, que foram os primeiros ouvintes desses comentários, mais tarde publicados numa coluna semanal do Jerusalem Post e em mais de 30 jornais judaicos em inglês, em vários países. Espero que cada um desses escritos tenha me ajudado a aprimorar a minha habilidade de expressão e a minha compreensão.

À minha querida família, especialmente à minha estimada esposa e sócia na vida, Vicky, que não somente escutaram estas ideias na mesa de *Shabat*, como também as questionaram e certamente as refinaram.

Acima de tudo, quero prestar tributo ao Todo-Poderoso, que me permitiu trabalhar no vinhedo da Torá durante os últimos 40 anos como rabino e educador, um convite que fez dos Cinco Livros da Torá meus constantes guias e companheiros.

**”כִּי אִם בְּתוֹרַת ה' חִפְצוּ
וּבְתוֹרַתוֹ יִהְיֶה יוֹמָם וְלַיְלָה”**

INTRODUÇÃO

O universo dos comentários bíblicos revela um infinito número de segredos. Podemos dizer que a Bíblia – que contém a sabedoria do que é Divino – pode ser comparada a um magnífico diamante, reluzindo simultaneamente com múltiplos brilhos e diferentes cores. Os vários matizes parecem se opor uns aos outros, mas, se observarmos todo o conjunto das luzes que emanam do diamante, começaremos a apreciar sua complementaridade e a perceber quão harmonioso é o conjunto que formam.

Analogamente, os sábios do Talmud compreenderam que em cada pronunciamento bíblico há muitas verdades possíveis, cada uma delas adicionando sua melodia única à magnífica sinfonia do conjunto, sintetizando não uma dissonância conflituaosa, mas sim uma sagrada dialética:

“A Escola do Rabi Ishmael ensinou: ‘Como um martelo golpeando uma rocha’ (Jeremias 23:29) – assim como o martelo origina diferentes chispas, um único versículo bíblico traz à luz diferentes interpretações’.”

TB San’hedrin 34a

Assim sendo, a palavra chave de qualquer comentário bíblico que abrange diferentes interpretações para o mesmo versículo é *PaRDeS* (literalmente, pomar) que compreende: *Peshat*, o significado literal do texto; *Remez*, o significado simbólico; *Derash*, a explicação rabínica; e *Sod*, o significado oculto, o sentido místico do texto. A soma dessas interpretações compõem as “setenta faces” da Torá, que simbolizam as setenta nações do mundo e as setenta diferentes formas de encarar a vida, que refletem as múltiplas possibilidades de prospecção do significado da Bíblia



e de compreensão – embora imperfeita e incompleta – do Divino.

Assim, a Bíblia tem a extraordinária habilidade de falar conosco simultaneamente com diferentes vozes. O mais notável é que, além de podermos escutar a voz do Eterno nos apresentando Suas determinações no Sinai há 4.000 anos, também conseguimos ouvir as vozes dos sábios do Talmud comentando o texto e as tradições. Eu ainda acredito que, toda semana, a Torá fala diretamente comigo sobre minhas preocupações individuais e comunitárias, sempre de forma relevante e inspiradora.

O Talmud chama a Bíblia de *micrá*, cuja raiz (*crá*), em seu significado usual, é a mesma do verbo ler, pois a Lei Escrita é lida publicamente às segundas, quintas, sábados e nos dias de festa. Mas Israel Eldad, na introdução de seu livro “Reflexões sobre a Bíblia” (*Hegunionot Bamicra*, Tel Aviv, 2001) sugere que o termo provêm da mesma raiz *crá*, mas que ele deve ser interpretado com o significado de “chamar”. A Bíblia nos faz um chamado – algumas vezes nos confortando e por vezes nos repreendendo; às vezes parecendo emanar de um passado distante e às vezes ressoando de um presente imediato –, mas sempre com o imperativo de que mudemos nosso comportamento e busquemos alcançar um nível mais elevado de moralidade e santidade. Na realidade, é esse o significado da bênção que deve ser pronunciada por aquele que é chamado à Torá: “Bendito sejas Tu, Eterno nosso Deus, Rei do Universo, que nos escolheste entre todas as nações e nos *deste* (tempo passado) a Torá. Bendito sejas Tu, ó Eterno, que nos *dá* (tempo presente) a Torá.”

É precisamente pelo fato de a Torá ser, ao mesmo tempo, o documento escrito mais antigo e continuar a orientar a vida humana de modo atual e relevante, que podemos verificar que ensinar e estudar a Bíblia é o ponto de partida para as glórias de nossa tradição. Múltiplas possibilidades de interpretação surgem continuamente e tornam contemporâneo o significado dos mandamentos e a relevância das várias narrativas, sempre permitindo aos indivíduos de cada geração descobrir motivações significativas, tanto éticas como espirituais, nos aspectos e



rituais do judaísmo. Cada um descobrirá seu *peshtó shel micrá* – seu próprio significado literal do texto, que adquire todo dia um significado renovado. (Ver “Introdução ao Comentário do Rashbam” de M. Rosen e sua citação da carta do Rashi ao seu neto.)

Quando estudo as páginas da Torá e seus comentaristas, muitas vezes murmuro as palavras do salmista: “Se não me deliciasse com a Torá, minha aflição me faria perecer.” O Pentateuco, em especial, tem sido uma fonte de inspiração e conforto para mim. Quando eu estava planejando minha *aliyá*, a importância de viver em Israel clamava a mim de cada uma de suas páginas; durante a guerra do Golfo e as várias revoltas árabes que passamos, os versículos sobre como o Eterno endureceu o coração do Faraó adquiriram novo significado; quando vivencio as tensões humanas entre pais e filhos, o livro do Gênesis me provê conforto e inspiração. Meus esforços para compreender com mais profundidade alguns trechos da Torá refletem meus debates com a vida em si. A habilidade da Torá de falar com cada geração e com cada pessoa simultaneamente é o maior testemunho da sua Divindade. Considero um grande privilégio poder compartilhar as múltiplas verdades que busco na Torá a cada dia. E se as minhas palavras forem insuficientes, será somente por causa da pequenez da minha percepção ante a infinita sabedoria do Doador da Torá.





בראשית
BERESHIT

GÊNESIS 1:1-6:8



O que é a Torá?

“No princípio, Deus criou os céus e a terra.”

Gênesis 1:1

Por que a Torá, a palavra de Deus dada a Moisés como Seu legado ao povo judeu, começa com a narrativa da Criação, passando pelos Jardins do Éden e pela Torre de Babel? Ela poderia, e talvez até devesse, ter começado do momento em que os judeus receberam seu primeiro mandamento como nação, após a saída do Egito – “Este será para vós o primeiro dos meses” (Êxodo 12:2), referindo-se ao mês de *Nissan*, quando *Pêssach*, a singular festa judaica que comemora nosso nascimento como nação, é celebrado. Afinal de contas, a Bíblia não é essencialmente um livro dos mandamentos? Assim questiona o Rashi no começo de seu comentário sobre o livro de *Bereshit*.

Eu gostaria de sugerir três respostas clássicas a essa questão, e cada uma delas traz uma contribuição importante à pergunta que inicia esse capítulo: O que é a Torá?

A resposta do Rashi a esta questão constitui a crença sionista.

Começamos com a narrativa da Criação porque, se as nações do mundo apontarem seus dedos para nós clamando que somos ladrões, dizendo que roubamos esta terra dos canaanitas e de outros povos nativos, nossa resposta será de que a terra e o mundo inteiro pertencem a Deus, por ter sido Ele quem os criou. Ele pode entregar qualquer parte da terra a quem, aos Seus olhos, a merecer. Sob essa perspectiva, o Rashi, de forma brilhante, deu a um versículo universalista uma interpretação nacionalista. Ele definiu nosso direito à Terra de Israel como uma consequência direta do primeiro versículo da Torá!

Podemos acrescentar às palavras do Rashi mais uma dimensão. Ele conclui essa interpretação afirmando: “Ele pode entregar qualquer parte da terra a quem, aos Seus olhos, a merecer.” Essas palavras podem significar ‘a quem Ele quiser’, isto é, a Israel, porque Ele fez essa escolha arbitrária, ou podem significar ‘a quem for moralmente merecedor desta terra’, o que implica que teremos direito a ela somente se nossas ações forem moralmente dignas. A história judaica ratifica essa segunda interpretação com o fato de termos sofrido dois exílios, sendo que o segundo durou cerca de 2.000 anos. Se essa é verdadeiramente a explicação adequada, as palavras do Rashi nos proveem uma advertência e uma promessa.

O comentarista Nachmânides também debate essa questão. Para ele está bastante claro que o fato de o mundo ter sido criado por Deus é o ponto central da nossa teologia e, assim sendo, era essencial que essa afirmação estivesse presente no primeiro versículo da Torá.

A Torá nos apresenta uma completa filosofia de vida. As sete primeiras palavras da Torá nos dizem, da maneira mais clara, que há um Criador do Universo e que o nosso mundo não é consequência de um acidente, “um conto relatado por um ignorante, repleto de estrondos e fúria, sem nenhum significado”, uma casual convergência de elementos químicos e de gases em explosão. É um mundo que teve um começo (e isso implica que também terá um fim), um propósito e uma razão de ser. Além disso, será que poderíamos existir, por um momento que fosse, sem a criação dos céus e da terra? Nossa própria existência depende do Criador, e, por nos ter criado, Ele tem o direito de cobrar que vivamos de uma determinada forma e cumpramos Suas leis. O primeiro versículo da Torá estabelece a base para tudo que se segue.

Antes de tudo, há um princípio; em segundo lugar, há um Criador que criou os céus e a terra; em terceiro lugar, tudo, nos céus e na terra, deve sua existência ao Criador; em quarto lugar, é plausível que haja comportamentos e ações que o Criador deseja

e espera de Sua criação. Segundo Nachmânides, toda a nossa estrutura metafísica se baseia no versículo inicial da Torá. Afinal de contas, como Criador, Ele tem direitos de propriedade. Ele nos possui. Ele é o dono de nosso ser. Ele merece que vivamos nossa existência de acordo com Sua vontade e não meramente de acordo com nossos desejos subjetivos e, até mesmo, egoístas. Ele merece não só que O abençoemos antes de partilhar qualquer elemento que Seu universo nos ofereça, como também que assumamos o compromisso de manter o estilo de vida que Ele nos recomenda. Nachmânides continua e nos ensina que, do mesmo modo que Adão e Eva foram exilados do Jardim do Éden após comerem do fruto que lhes fora proibido, a punição por desobedecermos Suas leis será a alienação e o exílio, processo experimentado com muito sofrimento pelo povo de Israel. Essa afirmação é também um elemento crucial da teologia judaica.

O *Midrash (Bereshit Rabá 12)* oferece uma terceira explicação. No versículo inicial está implícito o princípio fundamental de que devemos viver: “No princípio, Deus criou os céus e a terra.” Nessa sentença, ‘criou’ é o verbo; o mundo nos revela a função criativa do Divino. Partindo do princípio de que devemos seguir Seus caminhos, nosso primeiro contato com Deus nos ensina que, assim como Ele criou, nós também devemos criar; assim como Ele, pairando sobre o abismo da escuridão, criou a luz, também nós, criados à Sua imagem e semelhança, devemos remover todos os bolsões de escuridão, caos e vazio, e introduzir neles luz, ordem e significado. Desse modo, o primeiro versículo do Gênesis é também o primeiro mandamento, uma ordem emitida por Deus para todos os seres humanos criados à Sua imagem: devemos criar, ou melhor, recriar o mundo, tornando-o mais perfeito, em virtude da “imagem de Deus” pela qual fomos criados. O *Midrash* vê os seres humanos, de uma forma geral, e os judeus, em particular, como uma força criativa. Nossas energias criativas – religiosas, éticas, científicas e artísticas – devem trabalhar em harmonia com o Todo-Poderoso para aperfeiçoar um mundo que ainda não está perfeito, para trazer de volta a paz e a harmonia que existiam no Éden.

Frequentemente, os críticos da Bíblia cometem dois erros. Eles desvestem a Torá de seu contexto e de seu subtexto, perdendo de vista o que a Torá realmente quer dizer. Destacam a mecânica gramatical das palavras e desprezam sua majestade, a chama, a visão e a mensagem. O que devemos lembrar é que, essencialmente, a Bíblia não é apenas um livro de leis, por mais importantes que elas sejam, e certamente não foi escrita por um ser humano em sua débil tentativa de compreender Deus e a Criação. É, na verdade, o Livro dos Livros, emanado de Deus, que nele dá instruções e direção para nossas vidas. Ela revela não somente o que a humanidade é, mas, muito mais do que isso, o quanto ela deve se esforçar para vir a ser; ela nos ensina que não devemos apenas nos encarregar do mundo, mas sim, trabalhar para tentar aperfeiçoá-lo e torná-lo digno da majestade do Divino.

A revolução de Copérnico e a posição do ser humano

“E Deus contemplou tudo o que havia criado e eis que era muito bom.”

Gênesis 1:31

Uma leitura atenta da descrição bíblica da Criação do Mundo faz o leitor perceber a relação entre o judaísmo e as descobertas científicas. Ao contrário da opinião popular, o judaísmo não se opõe à modernidade, principalmente se ela promove a honra do Eterno. Por exemplo, a invenção da imprensa há mais de 500 anos mudou a natureza da leitura e da transmissão literária. A liderança rabínica daquela época acolheu com satisfação a descoberta, considerando que ela constituiria uma forma de tornar disponíveis os textos sagrados para todas as pessoas. Atualmente, vivemos uma revolução nas comunicações e muitos judeus estão engajados no desenvolvimento dos computadores e da internet, que permitem acessar instantaneamente uma passagem específica do Talmud ou solucionar dúvidas sobre um assunto mais difícil relacionado à ética médica na literatura de Responsa (respostas rabínicas a consultas sobre a aplicação das leis judaicas num tema específico). O desafio não está em rejeitar as invenções, mas sim, em como refiná-las; não está em censurar a modernidade, mas sim, em como santificá-la.

Sobre o versículo de abertura do Gênesis – “No princípio, Deus criou os céus e a terra” –, o comentarista Seforno nos mostra como colocar percepções da Torá no contexto do desenvolvimento científico. Ele chama a atenção para o fato de que a palavra *shamáim*, (usualmente traduzida por “céus”) é o plural da palavra hebraica *sham*, que significa ‘lá’ ou ‘dois lá’, e comenta: “Por

isso a palavra *ha-shamáim* indica um objeto distante em relação a nós, sendo a distância igual de cada lado, o que só pode ser possível quando se está situado numa roda com um movimento de rotação numa trajetória perfeitamente circular.” Assim, cada ponto do planeta está equidistante dos céus (*ha-shamáim*) e, para que isso seja verdade, o mundo deve estar se movendo segundo um padrão esférico. Para que existam ‘dois lás distantes’, que estejam igualmente afastados, é preciso que o planeta seja uma esfera em rotação.

É interessante notar que o Seforno viveu aproximadamente na mesma época que Copérnico (1475 – 1543), o famoso astrônomo que passou muito tempo na Itália desenvolvendo seus estudos, antes de retornar à sua nativa Polônia. Antes de Copérnico, acreditava-se que o centro do universo era a Terra; sua nova teoria científica sugeriu que era a Terra que girava em torno do Sol, rebaixando claramente a Terra de sua exaltada posição como o centro do interesse Divino. Tudo leva a crer que um rabino da grandeza do Seforno, médico e respeitado intelectual da sua época, teria ouvido sobre a teoria de Copérnico e, aparentemente, teria aceitado sua ideia da Terra girando ao redor do Sol. É especialmente notável a forma como Seforno interpretou as conclusões advindas de uma teoria científica rejeitada como blasfêmia pela maioria dos teólogos cristãos daquele tempo. Seforno não somente aceitou a posição de Copérnico, que hoje sabemos ser cientificamente correta, mas ele deduziu uma lição moral fundamental do fato de a Terra estar simultaneamente girando em volta do próprio eixo e em órbita ao redor do Sol. Isso nos ensina que o ser humano está colocado diretamente no centro da Terra, equidistante dos ‘dois lás’ ou ‘pontos distantes’ dos céus, o que só pode ocorrer se a Terra estiver em constante movimento.

Os sábios medievais falam sobre os quatro níveis da Criação: o nível inanimado da terra e das rochas, o nível vegetativo das plantas e árvores, o nível locomotivo dos animais e, finalmente, o nível comunicativo do ser humano, que possui o dom da

fala. Cada um dos níveis recebe seu sustento do anterior – a vegetação depende da terra e da água, animais recebem seu sustento da vegetação e os seres humanos conseguem seus alimentos, bebidas, vestimentas e abrigo dos animais. Se o ser humano se comunica horizontal e verticalmente com o mundo e com Deus, ele tem capacidade de elevar e enobrecer o mundo e assim redimir a Terra. Se provoca um curto-circuito em sua relação com o Divino, ele envenena o ambiente físico à sua volta em vez de aperfeiçoá-lo, e toda a terra se destruirá juntamente com ele. Tendo isto em mente, o ser humano está posicionado no centro do Universo. Somente ele tem o dom do livre-arbítrio. Nosso planeta Terra depende do exercício adequado deste livre-arbítrio para ser redimido e não destruído. É isso, acredito eu, que o Seforno quis extrair como conclusão do fato de o planeta estar em constante movimento. É interessante notar que o Rashi tirou esta mesma conclusão de um versículo posterior. No fim da porção de *Bereshit*, depois que a conduta humana desapontou o Divino Criador, a Bíblia afirma:

“E Deus viu que a perversidade do homem era muito grande sobre a terra... E Deus disse: Destruirei o ser humano que criei... a todos, o ser humano, os animais, os que se arrastam no chão e os que voam nos ares...”

A óbvia questão que se apresenta é: por que destruir os inocentes animais e as bestas silenciosas, se os pecados foram cometidos pelos seres humanos? O Rashi assim explica:

“Tudo foi criado para o ser humano; se ele deve ser destruído, para que todo o resto?”

Um dito central na Bíblia proclama que “o homem deve trilhar os caminhos de Deus”. Mas como podemos determinar quais são os Seus caminhos? Quando Moisés pediu a Deus: “E agora, Te rogo, se achei graça a Teus olhos, faz-me conhecer Teus caminhos para que eu Te possa conhecer...” (Êxodo 33:13), a resposta que recebe é de que ele não pode vê-Lo completamente,